

# SURTO DE ESPOROTRICOSE EM FELINOS, NA REGIÃO LESTE DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2011



Elisabete Aparecida da Silva<sup>1</sup>; Leda Maria Ponti Schoendorfer<sup>1</sup>; Neide Ortencio Garcia<sup>1</sup>; Noemia Tucunduva Paranhos<sup>1</sup>; Maria Cristina Novo Campos Mendes<sup>1</sup>; Hildebrando Montenegro<sup>1</sup>; Maria Adelaide Galvão Dias<sup>1</sup>; Vivian Ailt Cardoso<sup>2</sup>; David Augusto Fantini<sup>3</sup>; Sandra Midori Araki<sup>3</sup>; Vanessa Leonora Gomes<sup>3</sup>; Larissa Harumi Eto<sup>3</sup>; Fernanda Bernardi<sup>3</sup>



<sup>1</sup> Centro de Controle de Zoonoses, Coordenação de Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo; <sup>2</sup> Gerência de Vigilância Ambiental, Coordenação de Vigilância em Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo; <sup>3</sup> Supervisão de Vigilância em Saúde de Itaquera, Coordenadoria Regional de Saúde Leste da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo.

\*email: [elisabeteas@prefeitura.sp.gov.br](mailto:elisabeteas@prefeitura.sp.gov.br)

## Introdução

A esporotricose é uma zoonose causada pelo fungo *Sporothrix sp.*, com distribuição cosmopolita, que acomete o ser humano e várias espécies animais, sendo os felinos considerados os mais suscetíveis. O agente patogênico é saprófita do solo e normalmente a infecção é transmitida por inoculação traumática de solo, plantas ou matéria orgânica contaminada. É considerada zoonose ocupacional associada a atividades de agricultura e floricultura. Em felinos a doença se manifesta com lesões de pele, em região cefálica, auricular, plano nasal e membros torácicos podendo evoluir para forma sistêmica e morte. A infecção nos felinos pode estar relacionada aos hábitos de esfregar-se ao solo, enterrar excretas, afiar unhas e por arranhões ou mordidas decorrentes de brincadeiras ou brigas. Em maio de 2011, a partir de rumor vindo de uma moradora de um bairro da zona leste da cidade, sobre presença de gatos com esporotricose, iniciou-se uma investigação pelo Centro de Controle de Zoonoses da cidade de São Paulo (CCZ/SP). O objetivo deste trabalho foi realizar investigação epidemiológica, diagnóstico e tratamento dos felinos para dimensionar a ocorrência dos casos e evitar a disseminação da doença entre os animais e sua transmissão para humanos.



Fig. 1 - Bairro A.E. Carvalho – DA Itaquera



Fig. 2 - Casos de esporotricose felina no bairro A.E. Carvalho, Itaquera, município de São Paulo, maio de 2011 a janeiro de 2012.

## Metodologia

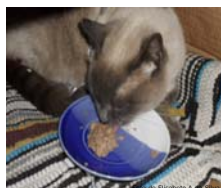
Metodologia: **1.** Busca casa a casa e levantamento da população de cães e gatos, a partir da investigação de rumor e do mapeamento das ocorrências de casos anteriores compatíveis com o quadro da doença em animais e humanos. Houve avaliação individual dos animais na busca de lesões sugestivas e coleta para diagnóstico laboratorial, por meio de “swab”. **2.** Diagnóstico por cultivo em meio ágar mycosel. **3.** Tratamento com fornecimento de Itraconazol nas áreas de maior exclusão, orientação sobre como medicar (Figs. 3, 4 e 5), evitando risco de transmissão e acompanhamento semanal dos animais doentes para avaliação da evolução clínica. **4.** Esterilização de gatos e cães com o objetivo de diminuir a população e circulação de suscetíveis. **5.** Monitoramento dos felinos com alta. **6.** Informação para profissionais de saúde da rede pública e clínicos veterinários. **7.** Trabalho educativo com os proprietários dos animais. **8.** Encaminhamento de pessoas com lesões sugestivas para avaliação médica.



Fig. 3 – Entrega do medicamento



Foto de Elisabete A. da Silva



Figs. 4 e 5 – Fornecimento da medicação aos felinos

## Resultados

Detectou-se referências de casos compatíveis com esporotricose em pessoas e animais na região, desde 2009, com uma confirmação diagnóstica por exame histopatológico.

No período de maio de 2011 a janeiro de 2012 foram visitados 1.463 imóveis e localizados 730 cães e 306 gatos.

Identificou-se 57 felinos com lesões sugestivas, sendo 42 confirmados laboratorialmente e 15 com diagnóstico clínico epidemiológico. Um cão foi diagnosticado e teve cura espontânea.

Todos os felinos receberam tratamento e apresentaram regressão dos sintomas em diferentes tempos e graus; 15 receberam alta após seis meses de tratamento; 32 continuam sendo tratados; 05 desapareceram; 02 foram à óbito por outras causas; 03 foram eutanasiados sem tratamento. Após regressão das lesões todos os felinos foram esterilizados para diminuir o acesso à rua e a transmissão.

579 animais foram esterilizados em 02 mutirões de esterilização na área, sendo 251 cães e 328 felinos.

Foram realizadas 32 visitas semanais para acompanhamento de todos os casos em tratamento e investigação dos novos.

Ocorreram 10 reuniões/palestras sobre o surto com clínicos veterinários, profissionais da área médica, profissionais de vigilância em saúde dos níveis estadual e municipal.

Onze pessoas com lesões de pele sugestivas e contactantes com felinos foram encaminhadas para atendimento médico.



Fig. 6 – Felino com lesão abaixo do olho



Fig. 7 – Felino com lesão no nariz (“nariz de palhaço”)



Fig. 8 – Felino com lesão na face



Fig. 9 – Felino (Felpuído) com múltiplas lesões e perda de estrutura nasal antes do tratamento



Fig. 10 – Felino (Gatinha) com múltiplas lesões antes do tratamento



Fig. 11 – Felpuído e Gatinha após tratamento

## Conclusão

Esse trabalho tem permitido o diagnóstico precoce da esporotricose em felinos e humanos na região trabalhada e objetiva a interrupção da cadeia de transmissão e o controle dessa zoonose. Para tanto a continuidade do monitoramento e avaliação das ações são muito importantes. A divulgação para veterinários e outros profissionais da área de saúde, bem como a notificação de novos casos é fundamental para o diagnóstico oportuno, detecção precoce de surtos e controle da dispersão, enfatizando o risco dos profissionais que lidam com animais. Estudos ambientais permitirão correlacionar o envolvimento de outros fatores com a ocorrência da esporotricose.

